

A HISTÓRIA DA PEDAGOGIA À LUZ DAS DETERMINAÇÕES DO CAPITALISMO

MARIA NÚBIA DE ARAÚJO

Curso de Pedagogia – Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

E-mail: nubiabruxa@gmail.com

Introdução

O artigo ora apresentado é parte constituinte do trabalho monográfico, cujo título é *A fundamentação teórica como imperativo na graduação em pedagogia: da centralidade dos saberes à centralidade do trabalho* (ARAÚJO, 2014). Trata-se de um estudo sobre a formulação do curso de Pedagogia no Brasil, com o apinhado histórico e teórico referente ao seu desenvolvimento, para compreender suas finalidades, concepções, o contexto atual e o entrelaçamento com os interesses políticos, socioeconômicos e culturais no capitalismo.

A história da pedagogia

A história da pedagogia, em Saviani (2012), traz elementos para assimilar conceitos e elaborações sobre a sua finalidade, seus fundamentos, teorias da educação e como desenvolveu a formação de professores na contemporaneidade, por fim, como esta ciência se originou em meio às contradições sociais vigentes.

Desde a Grécia, delineou-se uma dupla referência para o conceito de pedagogia. De um lado, foi desenvolvendo-se uma reflexão estreitamente ligada à filosofia, elaborada em função da finalidade ética que guia da atividade educativa. De outro lado, o sentido empírico e prático como inerente a Paidéia entendida como a formação da criança para a vida reforçou o aspecto metodológico presente já no sentido etimológico da pedagogia como meio, caminho: a condução da criança. (SAVIANI, 2012, p. 02).

Saviani (2012) demonstra que, desde sua origem a pedagogia traz uma dicotomia entre sua fundamentação teórica, concepção de conhecimento e elementos metodológicos, tais características, historicamente, puseram em cheque a sua independência perante as demais ciências. O que deveriam trazer uma consolidação científica e acadêmica para elevar a pedagogia uma relevância política, econômica e sociocultural.

Conforme Saviani (2012), Comenius, (1592-1670) em meados do século XVII, se propõe a equacionar a questão metodológica da educação, assim construiu um sistema articulado às considerações dos fins da educação e a base da definição dos meios – a didática. Nesse momento, “[...] os dois aspectos da pedagogia, a finalidade ética e o sentido prático e empírico tenderam a se unificar.” (SAVIANI, 2010, p. 12). O autor inaugurou a didática moderna na obra *Didática Magna: tratado da arte de ensinar tudo a todos*, realiza uma análise da educação e dos procedimentos teóricos e metodológicos para ensinar.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) compreendia que o processo pedagógico devia estar subordinado à natureza, e que a evolução por si só das crianças daria conta da maior parte do aprendizado. Representante do romantismo e da pedagogia da existência, sua proposta contém três momentos: a educação da natureza que consistia na primeira regra: livre e diretividade, a segunda: as necessidades físicas, a terceira: limitar ao útil real, a quarta distinguir a natureza e artificialidade sem influências. Na educação das coisas é visto que as elas não são nocivas à liberdade e não engendra vícios.

As ideias do autor servem de base para a Escola Nova. Rousseau não valorizava o conhecimento transmitido e defendia que a criança aprendesse a pensar não como um processo que vem de fora para dentro, mas ao contrário como desenvolvimento interno e natural.

Em seguida Herbart (1776-1841) percussor da psicologia experimental aplicada à pedagogia, sistematizou “[...] os fins

da educação que a pedagogia deve elaborar a partir da ética; e os meios educacionais que a mesma pedagogia elabora com base na psicologia” (p. 2). Nesse momento, nasce à pedagogia como disciplina universitária definindo-se como espaço acadêmico de estudos e pesquisas da educação.

O filósofo alemão fundamenta-se na sistematização da pedagogia a partir das demais ciências: filosofia; sociologia e, principalmente da psicologia, desencadeando numa teoria do ensino. Centraliza-se a formação geral e a escola torna-se uma agência em que o professor é centro, caracterizando sua pedagogia como unilateral. Tal modelo significou um avanço para as escolas religiosas, pois sua pedagogia é vista como científica e laica.

Jonh Dewey (1859-1953), fundador do pragmatismo norte-americano desenvolveu em suas obras princípios democráticos, laicos e científicos, de forma que contribuiu e influenciou as correntes pedagógicas elaboradas na época. Os fundamentos de universalidade, estatabilidade e gratuidade foram avanços para a educação, por outro lado, identifica-se a supervalorização da prática em detrimento da teoria, visto que esse pressuposto decorre dos métodos ativos o entendimento do aluno como centro e secundarizando o papel do professor.

Com o idealismo, a pedagogia passou a dissolvida na filosofia. Para Gentile (1875-1944) “[...] a educação como o desenvolvimento do próprio espírito e o ensino como teoria em ato, [...] o método é o próprio professor, que não pode ser ensinado.” (SAVIANI, 2012, p. 2), portanto, recusa a identificar a pedagogia como metodologia do ensino ou didática. No positivismo, a pedagogia foi assimilada à prática educativa (DURKHEIM *apud* SAVIANI, 2012, p. 3):

[...] a pedagogia é uma teoria prática, interessada na realização do fenômeno educativo, em contraposição à teoria científica, interessada no conhecimento do fato educativo tarefa esta acometida à sociologia da educação. Posteriormente se manifestou no interior do positivismo, o empenho em im-

primir um caráter científico a pedagogia. No entanto, em lugar de granjear-lhe autonomia científica, apenas a transmutou de uma submissão, aquela da filosofia, a uma outra: a das ciências empíricas reconhecidas como tais e que foram tomadas como modelo para pedagogia.

Assim, claramente identifica-se a dificuldade histórica da pedagogia se estabelecer como ciência independente e se consolidar como teoria socialmente relevante. Para entender tal necessidade, em meados do século XIX, diferentemente de Herbart e Durkheim, o pedagogo ucraniano, Makarenko (1888-1939) defende uma concepção oposta aos teóricos anteriores, amadureceu as hipóteses da constituição da pedagogia como ciência da educação. Defendeu a autonomia da pedagogia, tanto em relação à psicologia, quanto em relação à filosofia e à sociologia, com o objeto diferenciado dos demais campos científicos. (LUEDEMANN, 2002).

A pedagogia, assim como a história das demais ciências “demonstra que a história das ideias senão a produção intelectual se transforma com a produção material? As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante”. (MARX; ENGELS, 2010, p. 57). Mesmo assim, a pedagogia reclama a sua legitimidade com a elaboração desses teóricos trazendo diversos componentes científicos, práticos imprimindo uma ciência em construção e se deparando com diversos desafios no campo do conhecimento e de se legitimar como autêntica ciência da educação.

Makarenko e ainda propõe um campo de atuação da pedagogia ligada à realidade concreta e não de forma idealizada, sem apêndice de teorias educacionais vinculadas, sobretudo, a psicologia, as quais trouxeram um ideal de criança a ser trabalhado. Contrapondo-se então a psicologia de Édouard Claparède (1873-1940) – criança como abstração,

[...] a única criança que pode ser compreendida no processo pedagógico é a criança concreta [...] as diferentes crianças com suas marcas históricas, sociais, culturais e psicológicas.

E o problema que deveria ser enfrentado pela pedagogia seria o da educação das diferentes personalidades. (LUEDE-MANN, 2002, p. 17).

Essa idealização da educação comprometia, de acordo com Makarenko e alguns teóricos marxistas¹, o desenvolvimento das diferentes crianças com suas individualidades e singularidades reais. As concepções de criança da qual trata o pedagogo ucraniano são contrárias as de Claparède que antecedeu os postulados e influenciou a Escola Nova, e o cognitivismo de Jean Piaget (1896-1980).

O psicólogo suíço – o teórico da ‘revolução copernicana’ na educação – a educação tem como eixo o sujeito como pólo regente do conhecimento. Nesse sentido, aproxima-se com a abordagem gnosiológica de conhecimento ao imprimir uma educação na qual a criança é centro da atenção das atividades a serem desenvolvidas. Na psicologia funcional, em vez de o sujeito girar em torno da educação ou do conhecimento estes devem estar voltados para o sujeito, ressalta-se o caráter ativo do sujeito com esses princípios influenciou a Escola Nova e o cognitivismo de Piaget.

Ao longo dos anos, em estudos sobre a história da educação e da pedagogia identifica-se que o processo de desenvolvimento e consolidação do curso modificou-se cada vez mais e nunca se tornou uma prioridade. A educação possui uma autonomia relativa e a dependência ontológica do trabalho, não em termos mecânicos e, sim dialéticos, posto que as determinações políticas e ideológicas se dão na base econômica, pois o trabalho é o complexo que fundamenta a sociedade e ao transformar-se, ao passar por crises colocam em xeque todos os demais complexos. A educação reflete as contradições da sociabilidade capitalista, em que o trabalho estranhado contém o trabalho ontológico e simultaneamente a edu-

¹ Pistrak, Nadezda Krupskaja e Gramsci educadores socialistas que contribuam na construção de uma pedagogia socialista. Retirado do site: <https://www.expressapopular.com.br/livros/expressao-popular/fundamentos-da-escola-do-trabalho>. Acessado em 18/07/2014.

cação com a sua função predominantemente reprodutora contém aspectos para uma transformação.

A pedagogia no Brasil

O caminho percorrido pela Pedagogia no Brasil, seus desafios para estruturar-se como ciência a partir da legislação e diversas reformulações interferiram na sua função social, seguindo a lógica da pedagogia no mundo, a educação no país encontra-se atrelada aos interesses econômicos desde sua fundação.

Dessa forma, ao longo dos anos, a pedagogia se voltará cada vez mais para o mercado perdendo suas características e componentes teóricos fundamentais para sua consolidação como ciência, bem como os conceitos de educação, as concepções e finalidades e os referenciais teóricos variam durante o tempo, influenciando a práxis educativa em seus métodos educacionais.

Assim, indaga-se para problematizar esta área de atuação. Quais desafios teóricos e práticos na formação de professores? Quais as implicações ocasionadas pela crise estrutural do capital na fragmentação desta formação? O que fundamenta o discurso da identidade do pedagogo hoje?

A origem da pedagogia no Brasil inicia-se com o Decreto 1.190/39 com a Faculdade Nacional de Filosofia organizada em quatro seções: filosofia, ciências, letras e pedagogia com o acréscimo da didática.

[...] o preparo de professores assumia o caráter de simples formação profissional, desvinculada do desenvolvimento de pesquisa, resultavam desnecessários aqueles órgãos cuja presença na universidade se justificava exatamente em função do objetivo de imprimir caráter científico ao processo de formação dos professores. (SAVIANI, 2012, p. 34).

A estruturação do curso de pedagogia, conforme Saviani (2012) passava por dificuldades, as quais irão constituir-se históri-

cas no seu desenvolvimento, como a divisão entre bacharel e licenciado, a saber, o esquema conhecido 3 + 1: – 1º ano: Complementos de matemática; história da filosofia; sociologia; fundamentos biológicos da educação; psicologia educacional; 2º ano: Psicologia educacional; estatística educacional; história da educação; fundamentos sociológicos da educação; administração escolar; 3º ano: Psicologia educacional; história da educação; administração escolar; educação comparada; filosofia da educação.

O curso de pedagogia seguiu um modelo das faculdades instaladas no país, estruturou-se em duas modalidades: o bacharelado com duração de três anos, e a licenciatura, cujo diploma era obtido com curso de didática no último ano, o aluno passava a ter direito de lecionar no ensino médio, 1º e 2º ciclos e em cursos normais, acrescentado ao bacharelado, conforme demonstrado acima.

A implementação do curso se deu sob o ideário da Escola Nova, mesmo com diferenças no interior das universidades brasileiras. Portanto, o modelo implantado a partir do Decreto Nº 1.190, de 1939, “[...] instituiu um currículo pleno fechado para o curso de pedagogia” (SAVIANI, 2012, p. 36), este ocorreu junto aos cursos de filosofia, ciências e letras, mas não foram articulados aos processos de investigação referentes às temáticas e problemas educacionais.

Apesar dos fundamentos da Escola Nova, avançados para a época na defesa da educação democrática laica, universal e gratuita, o curso de pedagogia imprime-se a supervalorização da prática em detrimento da teoria, baseado nos métodos ativos de que o aluno é centro.

Em decorrência disso, as categorias de educação, papel do professor e papel da escola se desvalorizam, como questões imprescindíveis e a garantia da transmissão do conhecimento, são postos de lado. Em lugar da sala de aula confiadas aos professores com o domínio das áreas do conhecimento, a Escola Nova transforma a escola gerando uma série de problemas para a pedagogia como impedimento para esta se consolidar como ciência.

A dualidade entre o bacharel (técnico) e o licenciado (professor) em pedagogia. Os problemas de identidade profissional vêm desde o início do curso na oferta de diferentes disciplinas para cada modalidade, Saviani (2012) se refere ainda quanto aos limites do curso relativos às funções e matérias vistas na referida formação.

Com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº 4.024/61 o curso de pedagogia passa por uma reformulação com Parecer Nº 251 do Conselho Federal de Educação – Valnir Chagas. A extinção do curso de pedagogia foi posta em pauta pela sua indefinição como curso, apesar disso segue com poucas interferências. A diferença ocorreu pela flexibilidade, pois as disciplinas de licenciatura ou bacharelado poderiam ser cursadas simultaneamente, mas o currículo continua generalista.

Entre os problemas enfrentados pelo curso, houve o questionamento de sua validade por não haver consenso nacional da importância científica. Após vinte e um anos de sua fundação o curso de pedagogia passou novamente por reformas, que em vez de melhorar seu conteúdo e abrangência há um retrocesso no seu processo de legitimação.

Identifica-se assim, que as disciplinas que sofreram alterações foram as de fundamentação são diluídas, a saber, “o parecer indicava que a matéria deveria ser desdobrada em duas” [...] “sociologia geral e sociologia da educação.” (SAVIANI, 2012, p. 38). Em seguida, outro Parecer do Conselho de Educação Federal-CEF de Nº 292/1962 estabelece o estudo de três disciplinas: Psicologia da Educação, Elementos de Administração Escolar, Didática e Prática de Ensino mantendo a dualidade entre bacharelado e licenciatura.

Carmem (*apud* Saviani, 2012, p. 39). afirma que “[...] fixaram o currículo mínimo visando à formação de um profissional” O curso ainda passaria por uma série de restrições quanto a sua consolidação e a partir da reforma universitária, Lei Nº 5.540/68 via Parecer Nº 252/69 de autoria de Valnir Chagas. Esta reformulação o curso é limitado a um diploma. Para o relator supracitado, não há diferen-

ciação entre o nível superior equiparando este, ao nível médio do curso normal

[...] a questão educativa é reduzida predominantemente à sua dimensão técnica, afastando-se seu caráter de arte secundarizando, também as exigências de embasamento científico. (SAVIANI, 2012, p. 45).

Aqui, se destaca claramente os desafios teóricos enfrentados pelo curso de pedagogia no Brasil, de forma que, a legislação, as reformas curriculares e demais mecanismos de controle do curso, em vez de promover melhorias com a ampliação do currículo do curso, limita-o cada vez mais a uma formação instrumental.

Dessa forma, o curso de pedagogia, segue em consonância às demandas produtivistas do mercado de trabalho, sem uma formação sólida e desinteressada. Além disso, ajusta-se a Teoria do Capital Humano² que permanece hegemônica, a partir da década de 1990 com o Movimento de Educação Para Todos determinam orientações às políticas educacionais dos países periféricos articulado aos interesses dos organismos multilaterais.

Seguindo esta lógica, na LDB 9.394/96 (p. 47), consta no art. 64, que “A formação dos profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão, e orientação educacional para a educação básica, [...] a critérios da instituição de ensino, garantida nesta formação, a base nacional. Nesse documento trata-se de um ataque, pois a formação de professores se torna mais fragmentada. A exigência de conhecimento de diversas áreas limita

² Teoria desenvolvida por Theodore W. Schultz (1950) em uma pesquisa desenvolvida pela Unesco sobre a situação do ensino de países de todos os continentes e constatou que, quanto maior a riqueza de um país, maior o nível de instrução de sua população e a situação do ensino. FRERES, Helena, RABELO, Jackeline, MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. *Governo e empresariado: a grande aliança em prol do mercado da educação para todos*. In. Marxismo, educação e luta de classes: pressupostos ontológicos e desdobramentos ídeo-políticos. (Org.) Susana Jimenez, Jackeline Rabelo, Maria das Dores Mendes Segundo. Fortaleza: Ed. UECE, 2010.

cada vez mais o conhecimento dos fundamentos da educação, sejam eles advindos da história, da filosofia, da sociologia ou psicologia com a prerrogativa de se trabalhar na gestão.

No Plano Nacional de Educação de 2001, na meta Nº 12, na Estratégia 12.11 – “Fomentar estudos e pesquisas que analisem a necessidade de articulação entre formação, currículo e mundo do trabalho, considerando as necessidades econômicas, sociais e culturais do país”. Aqui se identifica as determinações ao articular a formação, o conteúdo e mercado de trabalho.

Nesse contexto, se inicia nos anos 2000 o processo de construção das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia aprovadas pelo Parecer 5/2005 e homologada pelo Parecer de Nº 3/2006, fruto de um amplo debate, do qual participaram docentes, discentes, entidades representativas e instituições de ensino, articuladas via Ministério da Educação. Esse processo resultou num documento constituído de uma junção das legislações referentes à educação que se remetem desde a Constituição Federal de 1988, passando por Pareceres antes de sua implementação, na tentativa de estruturar o mínimo de concepções acerca da formação de professores.

O Movimento Estudantil de Pedagogia, no ENEPE – Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia, cujo tema foi, *Quem educa quem: por uma educação que sirva ao povo*, realizado em julho de 2005, Belo Horizonte, MG resistiu frente às novas limitações que seriam implementadas pelas DCN’S e elaborou-se uma proposta de DCN’s no FONEPE e a fim de participar e opinar em nome dos estudantes de pedagogia. Dentre as pautas principais: cientificidade da educação e a defesa de uma educação que sirva ao povo.

Portanto, se faz necessário entender que o processo de construção das referidas Diretrizes Curriculares ocorreram inseridas num contexto sociopolítico e econômico orientado pela intensificação da ideologia neoliberal, da desregulamentação dos direitos sociais, da reestruturação produtiva e diversos impactos no mundo do trabalho, principalmente, num período de reformas no ensino

superior, em decorrência da crise do capital, que tem impactado de maneira negativa a formação profissional em Pedagogia em todo o país.

Ao passo que, no contexto de crise, a educação assume o papel central no desenvolvimento da humanidade, articula-se ao trabalho alienado e complexifica sua organização pedagógica quanto à formação de professoras reflete “[...] a problemática do equilíbrio entre formação e exercício profissional, bem como a desafiante crítica de que os estudos em Pedagogia dicotomizavam teoria e prática.” (RELATÓRIO-PARECER CNE/CP N.5/2005 *apud* SAVIANI, p. 193).

Tal formação desenvolve-se num processo contínuo, relaciona diretrizes teóricas com uma fundamentação filosófica, princípios e conceitos das teorias pedagógicas, perpassando pela concepção de educação, de políticas educacionais e em implicações ocorridas no cotidiano de cada profissional.

Essas questões compõem a complexidade da educação atual e seus desafios na formação do professor, este sofre as exigências da área acumulando funções, acerca da gestão escolar descaracterizando sua função docente e precarizando ainda mais a sua formação, tal dilema vivenciado desde o surgimento do curso de pedagogia.

[...] nega escancaradamente o conhecimento científico, filosófico e cultural à classe trabalhadora e busca cooptar as subjetividades dessa classe produtora da riqueza para que ela não compreenda a real e principal contradição existente na sociedade, que é a contradição capital x trabalho, contribuindo, prioritariamente para o controle do trabalho explorado. (JIMENEZ; GOMES, 2010).

Historicamente, a formação de professores não contribuiu para a superação das antigas dicotomias entre ensino clássico e ensino profissional. Dessa forma, defende-se a importância de uma formação sólida e fundamentada para contribuir no desenvolvi-

mento de uma prática coerente favorecendo a elevação dos alunos a outro nível que não o do cotidiano. O primeiro constitui-se numa preparação para as outras modalidades de ensino, caracteriza-se como um ensino universal enquanto, o segundo, constitui-se em um ensino voltado para o mercado de trabalho, direcionado aos filhos dos trabalhadores.

Problematizar a formação de professores é uma necessidade para desvelar os limites desta formação contribuindo para a emancipação de professores e de estudantes, mesmo que tal mudança só ocorra em outra sociedade, para isso é preciso compreender a, “[...] Pedagogia como práxis [...] tem a sua razão de ser na articulação dialética da teoria e da prática. (RELATÓRIO-PARECER CNE/CP N.5/2005 *apud* SAVIANI, p.194).

Nesse contexto, segundo Saviani (2010), a educação no Brasil é reorientada pelas novas roupagens de teorias antigas. Identifica-se o neoprodutivismo e suas variantes: o neoescolanovismo, o neoconstrutivismo e o neotecnicismo e, para cada uma delas, elenca-se consequências drásticas para a educação, na medida em que o neoprodutivismo estabelece uma automação no processo produtivo, dispensando e excluindo mão de obra. Em decorrência disso, há um recuo dos direitos trabalhistas. A educação se apresenta como pedagogia da exclusão preparando os indivíduos para se capacitarem cada vez mais como uma forma de fugir do desemprego.

Para o neoconstrutivismo, as consequências extrapolam as demais, posto que renuncia “[...] à compreensão e explicação dos fenômenos; limita-se ao vivido, sem chegar ao pensamento ou representação mental dos dados percebidos” (SAVIANI, 2012, p. 166). Pauta-se no “[...] entendimento de que a fonte do conhecimento não está na percepção, mas na ação, esta conduz a conclusão de que a inteligência não é um órgão que imprime, que reproduz os dados da sensibilidade, mas que constrói o conhecimento.” (SAVIANI, 2010, p. 31). Ainda para o neoconstrutivismo “[...] a questão da verdade é elidida” (idem, p. 33).

O neotecnicismo é baseado na qualidade total, objetiva maior satisfação dos clientes e, para isso, engaja os trabalhadores nas formas de organização, procedimento e produção.

Em fins do século XX, houve negação da transmissão do conhecimento como papel da educação: essa questão se configura como avanço ou como retrocesso? A educação está carregada de significados para além da sala de aula, ao passo que, com as transformações no mundo do trabalho e a reestruturação produtiva, exige-se um trabalhador competente, flexível, proativo e “o educador [...], é ofuscado, cedendo lugar ao treinador: a educação deixa de ser um trabalho de esclarecimento, de abertura das consciências para tornar-se doutrinação, convencimento e treinamento para a eficácia do mercado. (SAVIANI, 2010, p. 33).

Contudo, constata-se uma reformulação na área da política educacional, advindas das reformas do Estado e com forte repercussão no campo ideológico-formativo de conceitos e categorias novas que mudaram não somente os discursos, mas também as práticas na educação nacional. Assim, a perspectiva educacional mantém-se permeada de problemas com expressões sócio-econômicas que interferem diretamente na formação dos novos educadores brasileiros como consequências do convívio com pedagogias contrapostas na disputa do campo educativo desde sua fundação.

Considerações finais

Concluí-se que a pedagogia necessita de pesquisas, estudos e investimentos para conservar-se ao transmitir às novas gerações o patrimônio do gênero humano objetivando a emancipação humana. Para tanto, é fundamental uma formação sólida de professores que contemple conhecimentos gerais e específicos da educação para superar os limites institucionais reagindo à rigidez normativa e transgredindo as relações para perspectiva transformadora.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Maria Núbia de. *A fundamentação teórica como imperativo na graduação em pedagogia: da centralidade dos saberes à centralidade do trabalho*. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Pedagogia), 2014, 77 f. Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, CD Rom, 2014.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB: *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: Nº 9.394, 1996, 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

_____. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia*. Conselho Nacional de Educação. Parecer N. 5/2005. Reexaminado pelo Parecer CNE/CP N. 3 2006. Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União de 15/5/2006.

JIMENEZ Susana; GOMES, Valdemarin. *O conhecimento cativo da incerteza: Delores, Morin e as imposturas educacionais no contexto do capital em crise*. In. COSTA Gilmaísa PRÉDES, Rosa; SOUZA, Reivan. Crise contemporânea e Serviço Social. 2010.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. *Anton Makarenko vida e obra – a pedagogia na revolução*. São Paulo: Expressão Popular, 2002. 435 p.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. (Org.) Osvaldo Coggiola; trad. do Manifesto Álvaro Pina e Ivana Jinkings. 1 ed. Revista São Paulo: Boitempo, 2010. 271 p.

SAVIANI, Dermeval. *A pedagogia no Brasil: história e teoria*. 2ª Ed. Campinas, SP: Autores associados, 2012. – (Coleção memória da educação) 224 p.

_____. *Trabalho didático e história da educação: enfoque histórico pedagógico* in. A organização do trabalho na história da educação. Silvia Helena Andrade de Brito [et. al.] (orgs). Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2010. Coleção Memória da Educação.